O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V 1899-1900 N.os 9 E 10

Do Areeiro á Mouraria

(Vid. *Arch. Port.*, v, 212)

Fontes

Todo o valle e suas encostas eram abundantes de agua, como já fica notado, possuindo cada almoinha ou horta o seu poço, com o que provavelmente se não desprezava o uso contingente das aguas do rego.

As fontes publicas mais importantes existiam em Arroios e em Santa Barbara, confundindo-se a agua restante com a do mencionado rego.

O chafariz ou fonte de Arroios é mencionado pela primeira vez em 1184, e depois num documento de 1455 (Livro 84 de *S. Vicente,* fl. 59); e o de Santa Barbara em 1463 (Livro 7 da *Estremadura,* fl. 12) e 1466 (Livro 14 de *S. Domingos,* doc. 198).

No fim do sec. XVI (*Elementos,* II, 83) havia no sítio da Bemposta um poço pertencente a João de Goes, o qual poço foi adquirido pela Camara de Lisboa, sendo a sua agua encanada para o Rocio onde se levantou um chafariz para uso do público até que em 1786 foi elle demolido para ceder o logar a outro na Rua de S. Vicente, á Guia. Esta fonte é actualmente representada pelo chafariz do largo do Soccorro. A agua do poço de João de Goes era conduzida até a rua dos Anjos por um aqueducto; parecendo-me que foi esta construcção que deu á quinta atravessada o nome dos Castellinhos, presentemente, tambem, nome de um novo bairro. Consta-me tambem que esta quinta pertenceu á familia Castello, donde provirá o nome.

A tentativa de levar agua ao Rocio não é moderna. Em 1474 (Livro 4 da *Extremadura,* fl. 1 *v.*) havia um chafariz no Rocio (Largo de S. Domingos) alimentado com a agua do proprio local: as recentes obras do elevador de S. Sebastião da Pedreira mostraram claramente

a passagem aqui de uma corrente subterranea. Em 1671 descobriu-se «pouco distante da egreja dos Anjos desta cidade, entre as hortas e o campo da mesma freguesia[1]» uma fonte que se denominou *bica das Fontainhas*.

Agricultura

A abundancia de agua tornou o valle, tambem, muito fertil.

A muralha de D. Fernando, descendo do Castello e subindo pelo monte que se denomina de Santa Anna, atravessava no valle unicamente almoinhas e nas encostas olivaes. Toda a planicie, muros a dentro, até o limite meridional do Rocio, pela sua abundancia de agua, era completamente apropriada a horticultura. Edificios parece que só se levantava desde o seculo XIII o mosteiro de S. Domingos nas raizes do monte de Santa Anna, protegendo-o a muralha que corria pelo referido monte.

Todo o moderno Rocio e a Praça-da-Figueira estavam retalhados em almoinhas conforme indica um documento de 30 de Abril de 1386 (Liv. 11 da *Estremadura,* fl. 152 *v*): «a qual casa e allmuinha estava no rossyo da dita cidade donde venden a erua. E parte a dita almuynha com as almuynhas de maria esteuez da cotouia[2] e com casas de maria francisquez e com outros». Formavam estas hortas o reguengo das almoinhas (doc. de 14 de Dezembro de 1473, no Liv. 4 da *Extremadura,* fl. 17 *v*): «chaão que he no reguengo das almoynhas da par do ressyo que parte de hũa parte com quimtall de Tomas Luis e da outra com Manuel Piriz e da outra com rrua pruuica que vay da borratem pera o rresyo e da outra com quimtall, etc.».

Um documento de 1430 descreve-nos o sítio do largo de Santa Justa:

«Campo e reguengo em que ora stam aruores e fruitas e hortaliças que nos auemos dentro na cidade de Lixboa na freguesia de Santa Justa acerca do Resio da feira, o qual campo parte per estas confrontações. s. como se começa na ponte de dentro das casas e eixidos que ora som do dito conde dom pedro que forom de Diego da Veiga imdo assy partindo contra o poente a rredor das paredes das casas e as ortas que per hi stam ataa o quanto do dito campo e desse canto assy partindo e himdo a rredor das hortas e paredes das casas que per hi uaão sempre per dentro e como parte per casas e alpenderes que de nos hi trazem foreiros aforadas e emprazadas indo assy sempre partindo per valados e casas que per hi ora stam assy como essa diuisã uay entestar no caminho pubrico em que sta hũa ponte per que atrauesam

---

[1] *Elementos,* VIII, 304.

[2] É o sítio onde hoje existe a Escola Polythechnica.

do Resio da feira de Santa Justa e dessa ponte como se esse campo parte sempre indo pera cima contra o leuante da parte do nosso castello assy como uay entestar em outro camto onde ora stam huũ poço dagoa que sta fora junto com o ualado das ditas hortas e campo o qual poço he nosso e das perteenças dessas hortas e campo E a outra deuisom he como torna indo assy per este ualado contra a parte do mar partindo ataa que uay juntar no eixido e casas do dito conde dom pedro himdosse a diuisom e as confrontações deste campo onde primeiro começarom»[1].

O sítio de *Borratem* é bastante antigo. A etymologia d'este nome é desconhecida, não representando a pronuncia moderna na maior parte das vezes a fórma anterior. Numa citação a cima apparece-nos do genero feminino. Um documento de 5 de Fevereiro de 1455 (Livro 84 de *S. Vicente,* fl. 95) diz: «o logar que chamam Baratem». Outras vezes apparece *Barrotem.*

Existe hoje entre a rua do Arco do Marquês de Alegrete e a dos Canos um beco insignificante, intitulado da Povoa[2]. Este nome indica talvez a existencia de uma pequena aldeia neste sítio. Uma carta de 16 de Junho de 1347 (n.º 1609 de *Santos*) diz: «lagares de vinho e de azejte os quaes eu ej na Cidade de Lixbõa a par da poboa ante as casas de Johã Affonso a par do spital dos Meninhos». O hospital dos meninos (expostos) corresponde á ermida de N. S. da Guia. Em 1420 fala-se na rua da *Poboa* «acerca da porta de sam Vicente» (n.º 662 de *Santos*). E no livro 84 de *S. Vicente,* fl. 378 *v* em 1424 está o seguinte: «Joham Roiz moedeiro, filho de Mateus Roiz, morador na dita cidade ao poço da poboa, freyguesia de Santa Justa».

O monte de Santa Anna (chamado assim da invocação do convento construido em 1561) supportava nos seus flancos descarnados pelas pedreiras, talvez começadas a aproveitar por D. Fernando, olivaes e vinhas. D. Manuel em 1500 (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 160), mandando cortar todos os olivaes existentes dentro da cidade e todas os de fóra dos muros até dois tiros de bésta, determinou ao mesmo tempo que esses terrenos ficassem em rocios. Segundo parece, parte do terreno intra-muros de Lisboa desde a porta de Santo Antão até á de S. Vicente pertencia a S. Domingos por concessão real ao tempo da fundação, posto que se não tenha encontrado ainda o documento original ou

---

[1] *Chancellaria* de D. João I, livro 4.º, fl. 126 *v.*

[2] No seculo XVI ou XVII tambem se dizia *Povoa dos Vinagreiros* (n.º 315 de *S. Domingos, Remessa dos Proprios Nacionaes*). Ao lado do beco da Povoa ha ainda hoje a rua dos Vinagres.

cópia. No tombo de S. Domingos, liv. 31, em cada emprazamento apparece a seguinte noticia (por ex.: fl. 18): «ho qual chão o dito mosteiro pesuy e lhe foy dado junctamente com o chão de junto do Esprital ate o muro que vay da porta de Santo Antão ate os Canos da Mouraria como tudo se declara nas escrituras e sentenças que delle tem que o dito Juiz vio».

O terreno onde se traçou a rua nova da Palma pertencia no entanto ao mosteiro de S. Vicente de Fóra. (Tombo 187 dos conventos, remessa dos Proprios Nacionaes).

Nos seguintes documentos encontra-se a applicação agricola do terreno entre as duas portas.

«hũa almoynha que o dito moesteiro ha dentro na cerca da dita cidade a qual he antre o muro e canos da porta de sam Bicente e o moesteiro de sam Domingos cõ suas cassas direitos e pertenças que parte com o dito muro e olyual do dito moesteiro de sam Domingos e cõ caminho que bae arredor da dita almoynha de sam Domingos pera a porta de sam Bicente». 1424. (Livro 84 de *S. Vicente,* fl. 378 *v*).

«huũa terra com sua pedreira Junto cõsigo a quall terra parte com ho muro da Cidade de longo des ho muro des contra huũ currall dos boys ataa os canos do muro des contra a porta de sam Vicente». 1466. (Livro 20 de *S. Domingos,* doc. 4).

«huũ grande chaão com sua pedreira que tapa com ho muro do concelho e em fundo com ho adro do dito moesteiro e vay todo de llongo des o muro des contra Santo Antom ataa os canos da porta de Sam Vicente no quall chaão com sua pedreira estauom dous oliuaees s. huũ que tras Afomso Vaaz ourivez emprazado que vay ao longo do dito muro e outro que soia trazer Martin Vaz Guitarreiro com suas cassas que parte com o dito adro da parte de fundo e emtesta com a dita pedreira e oliuaaes do dito moesteiro». (*Id.,* doc. 21).

«hũa grande terra cõ pedreira e cõ oliuaaes e casas acerca do dito moesteiro que parte cõ o muro do concelho e corre de longo ataa os canos per u correm as augas chouidiças e em fundo parte cõ adro do dito moesteiro e com casas que foram de Martin Vaasquez Guitarreiro». 1479. (*Id.,* 6).

«..... hũas casas logo hy acerca do moesteiro contra o uliual que partem de hũa parte cõ casas que foram do comde d'Abramches que ora som de seu filho dom Antam e doutra parte com casas do dito moesteiro que foram do guitarreiro e de tras entestam com barroca do dito uliual». (*Id.,* doc. 38).

«huũ oliuall que esta dentro dos muros da dita cidade ho quall holiuall trazia emprazado Fernam Pirez Requeredor ho quall holiuall

parte de hũa parte cõ ho dito muro da dita cidade e com ho holiuall de Santo Loyo e cõ outro holiuall do dito moesteiro de sam Domingos que ora tras Pere Aluez holeiro aforado e se chama holiuall da Pedreira». (*Id.*, doc. 8).

O terreno fóra dos muros de Lisboa era agricultado de fórma igual ao que ficava intra-muros, como adeante veremos.

A Muralha, e ruas da Palma e da Mouraria

A muralha de D. Fernando descia da montanha e penetrava no valle no sítio do Arco do Marquês de Alegrete, ainda hoje cheio de vestigios d'ella, em via agora mesmo de desapparecimento, mercê do auxilio prestado pela Camara aos proprietarios do novo bairro. Subia depois o monte de Santa Anna onde fazia uma saliencia para o effeito tactico de alcançar a altura mais desafrontada do referido monte, pelo qual descia a fim de atravessar o valle da Avenida, onde havia a porta chamada de Santo Antão. Não creio houvesse primitivamente entre as portas de S. Vicente e Santo Antão outras aberturas effectivas, só posteriormente a conveniencia pública fez descerrar o panno do muro. Uma d'essas aberturas sería «o postigo da rua nova da Palma que sai ao Jogo da Pella» assim denominado em 1625 (*Elementos,* III, 166). Este postigo foi aberto pouco antes de 1562 (*Elementos,* I, 567): «o postigo que se abrio ao jogo da pella», ao mesmo tempo que se traçou a Rua Nova da Palma, como diz o mesmo documento «e por se abrir a Rua nova da palma, da parte de dentro, e se abrir o dito postigo, creceo a pouoação de hũa parte e doutra».

A communicação primitiva da baixa de Lisboa com o arrabalde da mouraria fazia-se, ao que me parece, a princípio através da porta de S. Vicente (arco do Marquês de Alegrete) pela azinhaga que saía do Borratem e tambem talvez pela rua dos Canos, quando as chuvas o permittiam. Augmentando o transito, resolveu a camara abrir uma nova rua no valle rompendo-se, como já atrás fica notado, a muralha. A rua nova recebeu o nome de *Rua Nova da Palma,* não querendo dizer esta denominação que houvesse uma rua anterior chamada da Palma. Quanto ao termo *Palma* não consta houvesse precisamente por onde foi traçada a nova via de communicação ermida nenhuma assim chamada; a que havia ficava bastante distante para ter influido.

Até o meado d'este seculo a rua nova da Palma terminava junto do palacio do Marquês de Alegrete, depois ella foi prolongada até o largo do Intendente, passando através das hortas.

Da porta de S. Vicente saía uma rua em direcção a Arroios encostada ao monte do castello. O nome primitivo d'esta rua era *da porta*

de S. Vicente, só mais tarde se começou a denominar exclusivamente *rua direita da Mouraria,* e depois simplesmente *rua da mouraria.* A citação mais antiga da rua da porta de S. Vicente é de 1404.

1404. «Rua direita da porta de sam Vicente». (*Santos,* n.º 589).

1436. «no arraualde na rua direita que vay da porta de sam vicemte pera fora». (Livro 10 da *Extremadura,* 203).

1436. «rrua pubrica que vay pera a porta de sam vicemte». (*Id.,* fl. 213 *v.*)

1463. «estrada pruuica que vay da porta de sam uicente». (Livro 7 da *Extremadura,* fl. 212).

1474. «rua pruuica que uay da porta de sam uicemte pera fora da cidade». (*Id.,* fl. 134).

1489. «rua publica que uay pera a porta de sam Vicente». (*Santos,* n.º 592).

1494. «rua da porta de sam uicemte fregrissya da dita Igreja de Santa Justa». (Livro 2 da *Extremadura,* 242 *v*).

1497. «Rua que vay ha porta de sam uicente da mouraria freguisia de santa Justa». (Livro 1 da *Extremadura,* 246).

1497. «Rua pruuica que uay pera porta de sam uicente». (Livro 12 da *Extremadura,* fl. 40).

1499. «Rua direita da porta de sam vicemte». (Livro 2 da *Extremadura,* fl. 170 *v*).

1503. «Rua direita que uay da porta de sam Vicente pera sam Jurdam». (*Santos,* n.º 603).

1516. «Rua que vay da porta de sam Vicemte da dita cidade pera sam Jurdam». (*Santos,* n.º 1779).

1545. «Rua direita da Mouraria». (*Santos,* n.º 669).

1582. «Rua dereita da mouraria que vai pera Santa Barbora acima de Macabeuu (?) da bamda das ortas». (*Santos,* n.º 1777).

1596. «Rua dereita que vay da Mouraria pera a Igreja de samta Barbora». (*Santos,* n.º 1774).

O hospital dos meninos ou ermida da Guia

Na rua da porta de S. Vicente havia um recolhimento para crianças abandonadas instituido pela Rainha D. Beatriz ou Brites, esposa de D. Affonso III, fallecida em 1300[1].

---

[1] J. B. de Castro, *Mappa de Portugal,* III, 437. Porem na lista das igrejas de Lisboa, feitas não posteriormente ao reinado de D. Affonso III, ao que parece, (*Memorias para a historia das Inquirições,* etc., pag. 15 dos documentos) se diz á o seguinte: «Ecclesia Innocentum Hospitalis puerorum».

1347. «spital dos Meninhos». (*Santos,* n.º 1609).

1394. «..... ao dito logo da porta de sam Vycente junto cõ o espitall dos mjnjnhos que partem cõ albergaria do dito espitall». (*Santos,* n.º 1613).

1440. «espritall dos meninos». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 81).

1497. «esprital dos menynos setuado na Rua que vay ha porta de sam uicente da mouraria freguesia de samta Justa». (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 146).

Passou por várias phases este hospital, segundo conta J. Baptista de Castro, *Mappa de Portugal,* III, 437. A existencia d'este estabelecimento prova que a actual rua da Mouraria não fazia parte do arrabalde dos mouros, e effectivamente a estrada que saía de Lisboa por uma das suas portas principaes e com a invocação do padroeiro da cidade, não devia estar inquinada com a vizinhança mahometana. Ainda assim parece que havia um ou outro mouro residente, como tambem havia entre os almoinheiros christãos outros mouros.

S. Lazaro

Na encosta do monte de Santa Anna existia talvez já anterior ao reinado de D. Affonso III (1245) a *Ecclesia Sancti Lazari* mencionada pela primeira vez num documento sem data inserto nas *Memorias para a historia das Inquirições,* pag. 85.

1381. «caminho que uay pera Sam Lazero». (*Santos,* n.º 631).

1420. «caminho que bae pera sam lazaro». (*Santos,* n.º 662).

1440. «caminho pubrico que uay pera sam lazero». (*Santos,* n.º 638).

1440. «acerqua de sam lazaro da dita cidade a par de bemfiqua que parte com caminho do concelho que vay pera o dito sam lazaro». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 81).

1489. «caminho que uay pera sam lazaro». (*Santos,* n.º 592).

1503. «caminho do concelho que vay teer a sam Lazaro». (Livro 9 da *Extremadura,* fl. 15 *v*).

1510. «Caminho que vay pera sam Lazaro». (*Santos,* n.º 671).

1514. «azinhagaa que uem do poço de sã Lazaro e vay ter aos canos de sam Domingos». (*Santos,* n.º 593).

1516. «travessa que saee da dita Rua direita que uaj para sam Lazaro». (*Santos,* 1779).

1542. «hortas de sã Lazaro». (*Santos,* n.º 617).

1445. «caminho publico que vae da rua direita da mouraria para sam Lazaro». (*Santos,* n.º 669).

1555. «Rua que vae pera Sam Lazaro». (*Santos,* n.º 626).

1581. «..... á mouraria a ponte de sã Lazaro. (*Santos,* n.º 1795).

1586. «acima da ponte de sam lazaro onde se chama o curralinho». (*Jesuitas,* maço 2, pacote 7).

Este caminho corresponde hoje á calçada de S. Lazaro e á Carreirinha do Soccorro (rua de Fernandes-da-Fonseca).

Beco da Barbadella

Este beco vem desembocar á Carreirinha do Soccorro. Tira o seu nome de Barba Leda, alcunha ou appellido de um individuo aqui residente no seculo XVI, e em cuja epoca se traçou o referido beco. Segundo um documento de 1542 (*Santos,* n.º 617) chamava-se este individuo João do Rego Barbaledo e sua mulher Isabel Fernandes Barbaleda. Um outro documento de 1516, por publica fórma de 1554 (*Santos,* n.º 1779) diz o seguinte:

«casas que sam na Rua que vay da porta de sam Vicente da dita cidade pera sam Jurdam[1] e partem do levante com a dita Rua e do poente com o sobredito chaom que vay de tras ellas e do norte e do sull com outras cassas do dito mosteiro que trazem outras pessoas. E o dito chaom vaj de tras ellas e parte do poente cõ o Reguo que vaj pera os canos e do norte com outro chão do dito mosteiro que traz Joam Diaz e do sull com hũa travessa que saee da dita Rua direita que vaj pera sam Lazaro e do leuante com hũ renque de casas do do dito mosteiro».

Diogo Luis[2], foreiro d'este chão pretendia abrir nelle uma rua que começava na *travessa que sae da Rua direita* e terminava no fim do terreno. A rua não continuou a avançar pelos terrenos seguintes, ficando atrophiada em becco como diz outro documento de 1581 (*Santos,* n.º 1795): «á mouraria a ponte de sã Lazaro dentro no bequo de Barbaleda e partem da banda do poente com casas e chãos de Joã Vaz e do norte partem com cazas que foram do dito Barbaleda e ora sã de Aluaro Dias curtidor e da banda das ortas partem com Reguo da cidade e por diante partem com o dito bequo. . . .»

S. Jordão e Santa Barbara

Jorge Cardoso, *Agiologio,* IV, 460, diz o seguinte: «Na Freguesia dos Anjos da Cidade de Lisboa havia huma Ermida antiga de Santa

---

[1] Rua do Bemformoso, mais antigamente do Boi Formoso. O documento mais antigo que menciona este sítio (escolla de boi fermoso na rua direita que vai pera S. Barbora) tem a data de 1620. (Alcobaça, *Sentenças,* 33, fl. 318).

[2] Uma filha d'este Diogo Luis e de Violante Rodriguez, de nome Breatis Luis, casou com o pintor Simão Affonso, conforme um documento de 1555 (*Santos,* n.º 1783).

Barbara, aonde estava huma Imagem de S. Jordão; ficava esta Ermida pouco distante do chafariz e della se vem ainda hoje vestigios; arruinada com o tempo a Ermida, forão levadas as Imagens de S. Jordão e Santa Barbara, para a parochia dos Anjos, onde se venerão, e tem suas Confrarias». A ermida de Santa Barbara começou por ser um estabelecimento identico aos de S. Lazaro e dos Meninos Innocentes. O valle que vinha de Arroios não era o unico escolhido para estas instituições piedosas. Em toda a Lisboa antiga se encontravam hospitaes. O pergaminho 361 do mosteiro de Chellas ao descrever uma almoinha diz o seguinte: «que he apar do ospital de ssanta Barbora». Tem a data de 1339. S. Jordão, santo archi-apocrypho era advogado dos casamentos e a elle recorriam as donzellas de Lisboa. Pelo tempo adeante as romarias ao santo foram prohibidas porque «ainda nos actos pios se introduzem abusos e desordens».

Por detrás da ermida ficava um valle chamado de S. Jordão, conforme o testemunho de Jorge Cardoso ou do seu continuador, valle por onde corria a agua de Arroios.

As noticias são as seguintes:

1503. «Rua Direita que uay da porta de sam Vicente pera Sam Jurdam»; «rego que uem de Sam Jurdam». (*Santos,* n.º 603).

1516. «Rua Direita que vay da porta de sam Vicente da dita cidade pera Sam Jurdam». (*Santos,* n.º 1779).

1551 (?). «Ermida de Santa Barbara e S. Jordão, citação de Christovão Rodrigues de Oliveira, apud Sr. Castilho, *Lisboa Antiga,* VII, 59.

1592. «Item a sam Jurdão pegado aos Anyos hum oliual que tras Dom Diogo de Lima que desfez em uinha e o meteu na sua quinta cerquada». (n.º 315 de *S. Domingos,* fl. 14, Proprios Nacionaes).

O campo de Santa Barbara abrangia superficie maior do que o moderno largo de Santa Barbara. Nas suas immediações havia a já mencionada ermida da Santa, festejada no seculo XIV: «El-rei (D. Pedro I)..... mandou, com pena de morte, que, quando ellas (*as christãs*) fossem pela porta de Santo André á romaria de Santa Barbara, etc.» [1].

Neste campo ou rocio exercitavam-se os moradores de Lisboa em jogar o arco (tirar ao alvo) e tambem na carreira dos cavallos, de que lhe ficou o nome em parte. Teve o nome de campo da forca por ser o local d'este supplicio em certa epoca.

1399. «hũa quimtãa que he em termo da dita cidade acerca do Resio de samta barbora..... e da parte do abrego com martim vaas-

[1] Apud Sr. Castilho, *Lisboa Antiga,* VII, 58.

quez que foy homem da nossa alcaidaria e com estrada pruuica que vay pera carnide. E da parte do soaão com Resio do concelho homde jogam o arco.....» (Livro 12 da *Extremadura,* fl. 126).

1436. «rrua pubrica que uay da porta de samto Amdre pera samta barbora». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 214).

1440. «Rego que uem de samta barbora». (Livro 7 da *Extremadura,* fl. 212).

1463. «chafariz de sancta barbora». (Livro 74 de *S. Domingos,* doc. 198).

1582. «Rua dereita da mouraria que vai pera santa Barbora acima de Macabeuu (?)». (*Santos,* n.º 1777).

1596. «Rua dereyta que vay da Mourarya pera a ygreja de Santa Barbora». (*Santos,* 1974).

Villa Quente

Na parte superior da Mouraria no caminho que vae da porta de Santo André para o postigo de S. Lourenço, caminho hoje chamado da *Costa do Castello,* estava situada a celebre *Villa Quente,* conforme o Tombo de 1573, existente na Camara de Lisboa, fl. 139 *v*: «Tem a cidade hũas casas na rua que vai da porta de Sancto André pera o postigo de Sam Lourenço, onde se chama Villa quente. E estão á mão esquerda, indo pera o dito postigo de Sam Lourenço. Da banda do sul partem com rua e caminho que vae para o postigo do Moniz».

Santo André

A Mouraria estava assente entre duas portas da muralha de D. Fernando. Já falei da de S. Vicente, falta tratar da de Santo André, hoje ainda representada pelo arco da mesma denominação. D'esta porta saía uma estrada para o valle, no final da qual se lhe juntava a calçada depois chamada dos Cavalleiros e a rua dos Lagares. Em rigor esta última rua é a continuação da que saía de Santo André, e, como esta, ficava fóra da influencia mourisca. A passagem para o largo de Santa Barbara era naturalmente pela rua dos Lagares e rua das Olarias e moderno largo do Intendente, onde se confundia com a estrada que arrancava da porta de S. Vicente. Todas estas ruas torneavam as bases e as encostas da Graça e de N. Senhora do Monte.

1436. «rua que vay pera a porta de sancto andre». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 203 *v*).

1436. «caminho pubrico que vay pera a porta de samto andre». (*Id.,* fl. 213 *v*).

1436. «rrua pubrica que vay da porta de samto amdre pera samta barbora»; «rrua gramde acerqua da porta da mouraria que vay pera samto amdre»; «rrua de samto Andre». (*Id.*, fl. 214).

1490. «azinhagaa que uay pera porta de sancto amdre». (Livro 3 da *Extremadura*, fl. 1).

1479. «Rua que vay pera santo Andre». (Livro 21 da *Extremadura*, fl. 209).

1498. «caminho pubriquo que vem da porta de sancto amdree e vaai pera o chafariz daRoios». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 39).

1498. «calçada que vaay do dita arrabalde pera a porta de Sancto Andre». (*Id.*, fl. 183 *v*).

1503. «Rua pubrica que vem da porta de samcto amdre pera ho chafariz damdalluz». (Livro 6 da *Extremadura*, fl. 13).

1517. «Rua que vay da porta de santamdre pera Alualade». (Livro 12 da *Extremadura*, fl. 60).

Os Lagares

A calçada de Santo André recebia, e recebe, no seu curto trajecto outras vias de communicação. Num documento de 1502 (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 162 *v*) encontra-se a antiga rua dos Lagares «caminho que uem da calçada de Santo Andre pera os lagares dazeite».

Noutro documento de 1501 (Livro 6 da *Extremadura*, fl. 105) parece haver referencia á rua dos Caualeyros e á rua das Tendas «caminho que uem da calçada de samto amdre que uay peras tendas dos mouros». Em 1548 (*Santos*, n.º 1789) ha esta menção «hũas casas na dita cidade na mourarya na Rua dos Cavaleyros que partem com Rua pubrica e por de tras cõ Rua das Holaryas».

O Livro 13 da *Extremadura*, fl. 76 *v*, ao anno de 1513 diz: «Ruas que vem da porta da mouraria e vão pera ho caminho que vay da porta de sanctandre por de tras das casas pello pee da costa de samta maria da graça».

O sítio dos Lagares deu o nome a uma rua que, saindo da calçada de Santo André, vae encostada ao monte da Graça, na direcção de Arroios ou Santa Barbara. Estes lagares eram propriedade do Hospital de Todos-os-Santos e de Pero Lopes do Carvalhal:

1502. «huũ chaão que parte com o caminho que uem da calçada de Santo Andre pera os lagares dazeite que o dito espital grande de todolos santos de dereito señorio he em ho arraualde da dita cidade ao pee da costa de Santa Maria da Graça, freiguesia de Santa Justa». (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 162 *v*).

1503. «lagar dazeite no almocouar». (*Id.*, fl. 180 *v*).

1503. «Rua pubrica que uay pera hos lagaares de Pero Lopez». (Livro 7 da *Extremadura,* fl. 13).

1510. «por de trás cõ azinhaga que uay amte elle (Mafomede Roballo) e ho logar (*aliás* lagar) de Pero Lopez do Carualhal e per diante cõ ho almocouar que foy dos mouros». (Livro 13 da *Extremadura,* fl. 37 *v*).

Adeante de Arroios havia uns lagares que constituem hoje a quinta do Conde de Almada, como atrás fica notado: cfr. Carvalho da Costa, *Corographia,* III, 419.

Agricultura fóra das portas de S. Vicente

No terreno fóra dos muros, só do meado do presente seculo em deante, começou com maior intensidade a ser revestido de construcções. No valle, como intra-muros, predominavam as almoinhas, ao passo que as encostas estavam revestidas de olivaes e vinhedos. Da influencia arabe exercida nos processos agricolas dão-nos algumas mostras os documentos antigos, como um de 1381 (*Santos,* n.º 731): «arca e puços e nora e alfacara». Estes dois ultimos termos assim como as palavras «chafariz» e «almoinha» são de origem arabe.

Os trechos seguintes documentam o que a cima digo:

1429. «Almoynha com sua cassa que he acerca da porta de san Bicente da dita cidade ffora do muro que parte com bjnha de Basco Martijz e com o muro e com Azinhagaa per hu corre a agua». (Livro 84 de *S. Vicente,* fl. 424 *v*).

1437. «hũa quintaã que he no termo da dita cidade acerca do Resio de santa barbora». (Livro 11 da *Extremadura,* fl. 126).

1440. «horta emprazada e almoinha com suas casas que soya de trazer ho espritall dos meninos que he acerqua de sam lazaro da dita cidade a par de bemfiqua que parte com caminho do concelho que vay pera o dito sam lazaro de huũa parte E da outra com caminho e almoinha que soya trazer martim martijns. E com o oliual de sam Christouam». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 81).

1440. «hũa almoinha com sua casa que o dito moesteiro ha no dito arraualde que parte com almoinha da see e doutra parte com o Rego que uem da Santa Barbora e doutra parte com caminho pubrico que uay pera sam lazero». (*Santos,* n.º 638).

1442. Horta da Larangeira[1] «omde chamam bemfica a cabo da mouraria». (*Dourados,* de Alcobaça, I, fl. 70).

---

[1] Junto da horta da Larangeira foi construido no sec. XVI o convento do Desterro, hoje convertido em hospital.

1452. «oliual com hũa uinha que esta acima da fomte da Royos, acerqua da quintãa de Joã da Veiga, caminho de Sacavem». (Livro 84 de *S. Vicente,* fl. 99).

1455. Orta «abayxo do curral dos mouros e parte com orta do see que ora traz Johã Farinha e com ferrageall de sam lazaro e com orta de D. Aluaro de Castro». (*Santos,* n.º 645).

1463. «orta que esta Junto com a dita amtre ho chafariz de sancta baruora e a dita cidade». (Livro 7 da *Extremadura,* fl. 212).

1466. «dous olyuaaes do dito seu moesteiro .s. huũ que esta no chafariz de ssanta barbora que parte de hũa parte com o olyuall do doctor lopo gonçalluez e doutra parte com oliuall de Joham lopez caualeiro, morador a Santo Andre e da parte de cima emtesta com camjnho que vay pera Santa Maria da Graça e da parte do fundo emtesta com horta de Joham Correa que ora traz Fradim». (Livro 14 de *S. Domingos,* doc. 198).

1489. Orta que «parte de hũa parte cõ Rua publica que vay pera a porta de Sam Vicente e da outra cõ caminho que vay pera sam lazaro e doutra parte com o Rego que vem d'Arroios». (*Santos,* n.º 592).

1502. «partem de huũa parte com caminho do Concelho que vay teer a Sam Lazaro e da outra com caminho e orta da Igreja de sam Lourenço e por de tras com oliual de sam Christouam e per diante com a dita Rua de bemfica». (Livro 9 da *Extremadura,* fl. 15 *v*).

II

A Mouraria

A população mourisca que ficou em Lisboa depois da conquista de 1147 devia ser composta na sua maior parte de industriaes e de proprietarios. Pouco a pouco ou de golpe, mas em todo o caso systematicamente, os mouros que viviam espalhados na cidade foram afastados para a encosta do monte em que se levanta o castello, na parte que olha para Nossa Senhora do Monte (monte de S. Gens), formando ahi uma povoação, a que se deu o nome de *arraualde dos mouros,* a qual ainda hoje permanece pouco mais ou menos, confundida, porém, no desdobramento successivo da cidade, de baixo do nome de *mouraria.*

Na *Chronica da fundação do mosteiro de S. Vicente* (nos *Port. Mon. Hist.,* Scriptores, I, 408) diz-se que a certo número de cavalleiros mouros foi permittido ficar em Lisboa. Se dermos credito a esta noticia, havemos de julgar que estes cavalleiros residentes no arrabalde tinham bens nos arredores de Lisboa, que os não obrigavam a exercer os officios me-

chanicos de olleiros, ferreiros, esteireiros ou esparteiros, tão preferidos pelos orientaes.

Até a extincção da liberdade religiosa em 1496 tinha o bairro dos mouros a denominação de *arrabalde dos mouros* ou *da mouraria* e depois o de «villa noua que soya seer mouraria da dita cidade» (documento do anno de 1496, n.º 624 de *Santos*).

Os mouros constituiam agremiação isolada com as suas autoridades civis e religiosas e dependentes só do rei. O chefe civil era o alcaide dos mouros, e junto a elle havia escrivães ou tabelliães, no princípio só mahometanos. Tinham cadeia (Livro 2 da *Extremadura,* fl. 226, *v*). açougue, curral (em 1455, n.º 645 de *Santos*), «logea em que se rrecadam os direytos dos mouros da mourarya» (Livro 7 da *Extremadura,* fl. 134), e tambem escola (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 177 *v*).

Tinham uma mesquita grande (Livro 2 da *Extremadura,* fl. 220) convertida depois em templo christão, e outra menor. (Livro 2 da *Extremadura,* fl. 106 *v*).

Em differentes pontos de Lisboa havia banhos, não sendo os mouros tambem desprovidos d'elles, se bem que no seculo XV já estes lhes tinham sido retirados, e o edificio passára a outros usos. Em 1436 «casas de bainhos» (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 212), «casas nossas que tras affonso Pirez oleyro que forom bainhos» (*Id.,* fl. 203 *v*), «banhos do dito senhor» (Livro 1 da *Chancellaria de D. Duarte,* fl. 235).

Limites da Mouraria

Ficava a Mouraria entre as portas de Santo André e de S. Vicente, sem as alcançar, pois que lhes interpunham terrenos em que posteriormente se foram construindo habitações de christãos.

Os montes do Castello, da Graça e o de S. Gens estavam sobranceiros ao arrabalde mourisco, situado principalmente na encosta do primeiro d'estes. Não sabemos porque fosse este sítio escolhido para residencia dos mouros forros; talvez que por estar afastado do rio, evitando assim uma combinação militar com os seus correligionarios de alem-Tejo ou mesmo do alem-mar. Quando D. Fernando lançou a Lisboa a sua cinta de pedra, deixou de fóra da capital o arrabalde. Ignoro a razão.

Os limites da Mouraria não se podem, por emquanto, determinar exactamente. Pelo sul ficava a meio da encosta do Castello, pelo poente era limitada pela rua direita da porta de S. Vicente, hoje chamada da Mouraria, e pelo nascente não passava alem da entrada da rua da Amendoeira. Da parte do norte ainda é maior a dúvida, porque era aqui onde se encontravam os almocavares dos judeus e dos mouros, os quaes terrenos foram depois cortados por diversas ruas, ao que parece.

O lado sul não tem offerecido á Mouraria alteração desde os tempos mais remotos; só agora tende a ser alterada profundamente com a creação de um bairro nos terrenos do Marquez de Ponte-de-Lima.

Rua de Bemfica

Do lado do poente o bairro dos mouros não passava alem das modernas ruas da Mouraria e da rua de Bemformoso. Entre as almoinhas do valle e o sítio das Olarias encontra-se muitas vezes citada a rua de Bemfica. Este nome encontra-se actualmente numa freguesia dos arredores de Lisboa, a qual, segundo um documento de 1322, se chamava *Benfica a noua a par de os Paaços del Rej*[1]. Na impossibilidade de determinar exactamente a rua que corresponde á rua de Bemfica, talvez a do Boi Formoso ou Bemformoso, aponto os seguintes documentos:

1377. Casa terrea «que era no dito arraualde hu vendem as ollas junto com as casas dAly Pequeno hu chamõ Bemfica». (*Santos,* n.º 623).

1390. Almoinha em Bemfica a par do arraualde dos mouros». (*Id.,* n.º 668).

1396. «hu chamã bem fyca na Rua Direita». (*Id.,* n.º 665).

1418. «Rua de Bemfica e dapar do arraualde dos mouros forros». (*Id.,* n.º 633).

1438. «quatro portaaes que som no dito arraualde da mouraria E partem cõ banhos do dito senhor e com casas dauãzano mouro e pella Rua Direita de bemfica per onde vendem a louça». (*Chancellaria de D. Duarte,* I, 235).

1440. «horta emprazada e almoynha com suas casas que soya de trazer ho espritall dos meninos que he acerqua de sam lazaro da dita cidade a par de bemfiqua que parte com caminho do concelho que uay pera o dito sam lazaro de huũa parte. E da outra com caminho e almoinha que soya trazer martim martijnz. E com oliuall de sam christouã». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 81).

1442. Horta da Larangeira «omde chamam bemfica a cabo da mouraria». (Livro 1 dos *Dourados* de Alcobaça, fl. 70).

1471. «E partem de hũa parte com a filha da Cordeyra e da outrra com casas do Alcobacill e per fundo com a logea que he de Mafamede Lampeda e per diante com Rua dentro da mouraria e per detrás com Rua dereita da cristindade que se chama Rua da bemfica». (Livro 4 da *Extremadura,* fl. 13).

---

[1] *Archivo Nacional,* caixa 100 da *Collecção Especial.* Este pergaminho tem a seguinte nota que tira as dúvidas sobre a collocação da povoação: «Pertence ao cazal, ao pé de S. Domingos de Bemfica, do Marques da Fronteira».

1497. «Partem de huũa parte com outras casas do dito señor que tras o dito Lopo Roiz. E da outra parte com outras cazas do dito señor que tras Gonçalo Diaz, oleyro. E por detras com Rua que uay pera Santo Andre. E per diante com Rua pubriqua de bemfica». (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 209).

1498. Casa que «parte de huũa parte cõ casas de Joham do Outeiro, morador em bemfica e da outra com beco que atrauessa ambalas Ruas dereitas e per detrás emtesta cõ becco qne nam tem sayda e por diante com Rua poblica». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 187 *v*).

1430. «Porta da Mouraria na rua que se diz de Bemfica». (*Santos,* n.º 587).

1555. «Rua de Bemfiqua, da uma banda «Reguo dagoa que uem do chafariz darroios, outra banda Rua que vae para Sam Lazaro». (*Santos,* n.º 626).

1573. «chão que esta na Mouraria indo da rua direita onde estão as hortas para a calçada de Santo André onde se chama Rua de Bemfica e Olarias». (*Tombo da cidade,* livro 2, fl. 242).

1585. «Casas na Rua de Bemfica». (*Jesuitas,* maço 42, n.º 42).

Olarias

Não soffre dúvida, como já mostrei, que a rua dos Lagares, que torneja o monte da Graça, ficava na christandade. Para baixo, porém, ficavam as Olarias, que parece terem sido terreno mixto. Christovão Rodrigues do Oliveira (em 1555) menciona duas ruas das olarias, uma de cima e outra de baixo. Hoje temos um largo (rua larga) das Olarias e uma rua tambem das Olarias. Nas citações que faço aqui não descriminei as propriedades pertencentes a mouros e a christãos, o que fica reservado para um outro trabalho ou para qualquer outro investigador.

1377. Casa terrea «que era no dito arraualde hu uendem as ollas junto com as casas de Aly Pequeno hu chamam Bemfica». (*Santos,* n.º 633).

1436. «duas tendas nossas conjuntas as quaaes son no arraualde dos mouros na rrua direita que vay da porta de sam vicente pera fora e partem com a dita rrua e de todallas partes com casas nossas que tras Affonso Pirez oleyro que foram banhos e com azinhagua que emtesta na rrua que vae pera a porta de samto amdré». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 203 *v*).

1490. «partem de huũa parte com outras casas do dito Snñor que ora tras Maria Roiz e de outra parte com azinhagaa que uay pera a porta de samto andre e por detras com tenda que tras Costamça Do-

minguez que sam do dito Señor e per diante com rrua pruuica do arraualde da mouraria». (Livro 3 da *Extremadura,* fl. 7).

1498. «parte de hũa parte com tenda de R.º Annes oulleiro e de outra com tenda de Garçia lopez outrosi oulleiro E com hũ seu quintall e entesta de hũa parte com caminho pubriquo que uem da porta de samto amdree E uaai pera o chafariz daRoios». (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 39).

1499. «temdas dos oleiros» perante os quaes passava a «Rua que vay da callçada de samta maria da graça pera a Rua direita da porta de sam uicemte». (Livro 2 da *Extremadura,* fl. 170 *v*).

1501. «arraualde nouo da mouraria da dita cidade homde estão os olleiros». (Livro 6 da *Extremadura,* fl. 105).

1501. «caminho que uem da calçada de samto amdre que uay peras tendas dos mouros e emtesta o quymtal cõ tenda de Alle Azeyte (*Id., ibid.*).

1510. «temda que está nas olarias que partem de hũa parte com temda que foy dalle almançor que hora he de mestre Jorge. E da outra com tenda que foy de Mafomede Roballo e por de tras cõ azinhaga que uay amte elle e ho logar (*sic*) de Pero Lopez do Carualhal e per diante cõ ho almocouar que foy dos mouros». (Livro 13 da *Extremadura,* fl. 37 *v*).

1548. «casas na dita cidade na mouraria na Rua dos Caualeyros que partem com Rua pubriqua e por de tras cõ Rua das Olaryas». (*Santos,* n.º 1789).

Tambem se refere ao largo das Olarias, que vae da calçada de Santo André para a calçada do Monte, a seguinte citação:

1491. «Rua pruuica que uay da mouraria pera santa maria do monte». (Livro 12 da *Extremadura,* fl. 15).

Tendas

Nos documentos relativos ás Olarias apparecem citações diversas de tendas de oleiros e de mouros, indicando umas vezes que ellas estavam nas referidas Olarias, e outras vezes que estavam na sua frente. Effectivamente existe ainda hoje em frente do largo das Olarias uma rua pequena, intitulada das Tendas.

Rua da Amendoeira

Conserva este nome desde eras remotas:

1394. «casas que sam no dito arraualde hu chamam a amendoeira». (Livro 11 da *Extremadura,* fl. 81 *v*).

1397. «casas no arraualde suso dito hu chamam a amendoaria (*sic*)».

Rua da Amoreira

Por agora basta só determinar que o termo *mouraria* apparece nalguns documentos *moureira,* como por exemplo em 1434: «Rua Direita da Moureira». (*Santos,* n.º 647). O beco hoje chamado da Guia chamava-se no seculo passado beco da Amoreira. Temos portanto duas derivações do termo amoreira ambas plausiveis: a de *mouraria* e a do nome da arvore.

Rua de João do Outeiro

Não sei qual era o nome primitivo d'esta rua. Num documento de 1498 (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 187 *v*) lê-se: Joham do Outeiro, morador em Bemfica.

Rua do Capellão

Não posso determinar a epocha em que se começou a usar esta denominação; na emtanto inclino-me a que provenha do sacerdote da mesquita intitulado *capellão.* O ultimo capellão mouro em Lisboa chamava-se Mafamede Laparo.

Rua dos Cavalleiros

Só no seculo XVI começou a haver esta designação:

1431. «casas que elle ha em lixboa no arraualde dos mouros que soyam de seer banhos e partem com casas de meestre mafamede fisico e com caminho pruuico que uay pera santarem e com azinhagua pubrica que saae pera o caminho que uay pera a porta (*sic*) de sam vicemte e com tendas do dito senhor». (*Chancellaria de D. João I,* livro 4, fl. 88).

1436. «com casas nossas que tras Affonso Pirez oleyro que forom banhos e com azinhagua que emtesta na rrua que vay pera a porta de samto amdré». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 203).

1436. «casas que foram banhos as quaes estam em o arraualde dos mouros da dita cidade e partem ao leuamte com caminho pubrico que vay pera a porta de samto amdré». (*Id.,* fl. 213 *v*).

1499. «Rua que vay da callçada de samta maria da graça pera Rua direita da porta de sam vicemte peramte as temdas dos oleiros». (Livro 2 da *Extremadura,* fl. 170 *v*).

1501. «caminho que uem da calçada de samto amdré que uay pera tendas dos mouros». (Livro 6 da *Extremadura,* fl. 105).

1548. «hũas casas na dita cidade na mourarya na Rua dos Caualeyros que partem com Rua pubriqua e por de tras cõ Rua das Holaryas...» (*Santos,* n.º 1789).

Rua da Carneçaria

São duas as citações: «rua que vay das *carneçarias* dos ditos mouros pera çima», em 1430 (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 21 *v*); e simplesmente *Rua da Carneçaria,* em 1497 (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 48 *v*).

Curral dos Mouros

Devia ficar proximo da Rua da Carneçaria. Christovão Rodrigues de Oliveira menciona em 1551 o beco do curralinho.

1420. «curral onde os mouros matam seu gaado que partem com caminho que vae pera sam lazaro». (*Santos,* n.º 662).

1455. «Curral dos mouros». (*Id.,* n.º 645).

1586. «chãos..... acima da pomte de sam lazaro omde se chama o curralinho». (*Jesuitas,* maço 2, pacote 7).

Ruas não identificadas

Alem das ruas não identificadas, já a cima inscriptas, aponto ainda as seguintes:

1497. «Rua dalmamon (?)». (*Santos,* n.º 625).

1436. «em o arrauallde dos mouros em fim da rrua gramde acerqua da porta da mouraria que uay pera samto amdré». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 214).

1471. «Rua de demtro da mouraria». (Livro 4 da *Extremadura,* fl. 13).

As Portas da Mouraria

Tanto as mourarias como as judarias eram fechadas, tendo algumas portas para as communicações exteriores. Os documentos revelam-nos a existencia, quanto á mouraria de Lisboa, de talvez tres portas.

1436. «as quaaes eram dentro em o arraualde dos mouros em fim da rrua grande acerqua da porta da mouraria que uay pera samto amdré». (Livro 10 da *Extremadura,* fl. 224).

1474. «alem do poço dos mouros contra a porta da dita mourarya». (Livro 7 da *Extremadura,* fl. 134).

1499. «Rua dereita que vay da porta daalem do poço pera cima». (*Santos,* n.º 624).

1513. «Ruas que uem da porta da mouraria e vão pera ho caminho que vay da porta de samtamdre por de tras das casas pello pee da costa de Sancta maria da graça». (Livro 13 da *Extremadura,* fl. 96 *v*).

1530. «Porta da mouraria na rua que se diz de Bemfica». (*Santos,* n.º 587).

Chãos

Junto do arrabalde dos mouros havia ainda depois da expulsão d'estes varios terrenos que partiam com os almocavares.

1498. «chão parte de huũa parte com calçada (*de Santo André*)». (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 231 *v*).

1502. «chão que parte com o caminho que uem da calçada de Santo André para os lagares dazeite». (Livro 9 da Extremadura, fl. 162 *v*).

1503. «chão que parte do norte com almocovar que foi dos judeus». (*Id.,* fl. 31 *v*).

1503. «chão que esta no arabalde da mouraria perto do almocauar». (Livro 13 da *Extremadura,* fl. 97).

1513. «chão que esta no raball da mouraria». (*Id.,* fl. 96 *v*).

Almocavares

Significa o termo arabe *almocavar* «cemiterio». Segundo parece, o almocavar dos mouros na encosta de Nossa Senhora do Monte[1] já existia no tempo da conquista de 1147. Diz Osberno *in medio montis quo erat eorum* (dos mouros) *cimiterium.* Naturalmente teriam mais cemiterios os mouros, mas foi só o almocavar, junto do arrabalde, que perseverou. Logo depois da extincção da mouraria foi o cemiterio dos mouros, bem como o dos judeus, aforado em diversos talhões, e a pedraria dos jazigos foi dispersada na construcção do Hospital de Todos-os-Santos, de fórma tal que até hoje ainda não appareceu uma unica inscripção que se tenha salvo. Identica ruina soffreram os livros d'aquellas duas raças, aos descendentes das quaes foi prohibido escreverem nos seus respectivos idiomas.

Os limites dos dois almocavares não os sei indicar; no emtanto parece-me que os terrenos situados entre a Rua de Bemformoso, Largo das Olarias e Ruas de Bella Vista do Monte e do Terreirinho até o largo do Intendente ou travessa da Cruz, bem podiam ter servido de cemiterio aos mouros e judeus. Este terreno será grande relativamente á superficie da mouraria, mas é preciso notar que a maior parte d'elle pertenceria aos judeus e que os mouros dos arredores faziam-se enterrar talvez aqui.

Parte das ruas neste sítio dos almocavares mudaram as primitivas designações. A rua hoje chamada das Olarias denominava-se, no seculo

---

[1] Um documento de 27 de Outubro de 1284 (Caixa 86 da *Collecção Especial*) diz: «campo... in termino Ulixbon. ubi uocatur mons sancti Jenesij prope domos ffratrum heremitarum ordinis sancti Agustini».

passado, do Rosario ou de Nossa Senhora do Rosario, a da Bombarda rua do Muro-Novo e a calçada do Forno do Tijolo calçada do Almocavar[1]. No emtanto o nome Bombarda já apparece no seculo XVI.

1491. «as ditas casas estam no almocouar que foi dos mouros nas ollarias que partem da parte do norte com casas do dito senhor que tras garcia lopez e do sul com casas de fernandeanes e por diante com Rua pruuica que vay da mouraria pera santa maria do monte» (Livro 12 da *Extremadura,* fl. 15).

1499. Chão «assy como parte ao norte com casas da see que ora tras afomseanes oleiro. E com chaão do dito esprital grande. E ao sul com azinhagaa e seruentia. E ao leuante com ho almocauar dos mouros que foy. E ao poente com Rua pubrica que uem dereita da porta de santandre. E com outras confrontações». (Livro 1 da *Extremadura,* fl. 183 *v*).

1499. «o qual chaão estaa na Rua que vay da callçada de samta maria da graça pera a Rua direita da porta de sam vicemte peramte as temdas dos oleiros e parte com a dita Rua e da outra parte com tendas de Joham Roiz oleiro e da outra parte com casas que ora faz Antam Gonçalluez christaão nouo e da parte de cima com Resio que soya ser almocauar dos mouros». (Livro 2 da *Extremadura,* fl. 170 *v*).

1503. «lagar dazeite no almocouar». (Livro 9 da *Extremadura,* fl. 170 *v*).

1503. «Chão no arrabalde da par da mouraria o qual parte ao norte com almocovar que foi dos judeus. (*Id.,* fl. 31 *v*).

1503. «chão que esta no araballde da mouraria que parte de huua parte com casas que foram de Antam Gonçalluez e agora he de seu filho e com outro chaão que he aforado a Joham Fernandez que he do dito senhor e com rrua que vay da mouraria pera o almocouar e da outra parte com outra rua que vay da porta da dita mouraria e vay pera ho almocouar». (Livro 13 da *Extremadura,* fl. 97).

1510. «a dita temda que está nas olarias que partem de huũa parte com tenda que foy dalle almançor que hora he de mestre Jorge E da outra com tenda que foy de Mafomede Roballo e por de tras cõ azinhaga que vay amte elle e ho logar (*sic*) de Pero Lopez do Carualhal e per diamte cõ ho almocouar que foy dos mouros». (Livro 13 da *Extremadura,* fl. 97).

---

[1] Pelo exame das plantas das freguesias de Lisboa, levantadas pelo sargento Mór Joseph Monteiro de Carvalho, depois do terremoto e que se conservam no Archivo Nacional.

1573. «Tem a cidade umas casas terreas e um quintal tudo mistico em um aforamento do almocauar dos Judeus que é ao pé de N. S.ª do Monte, abaixo da casa da bombarda, e estão as ditas casas na rua que sae do dito almocavar para a calçada de pé de Nossa Senhora do Monte». (*Tombo de Lisboa* existente na Camara Municipal, livro 2, fl. 174).

III

As Freguesias

Á egreja de Santa Justa ficou pertencendo, desde 1496, a administração dos catholicos que habitavam não só a Mouraria, mas todo o valle até Arroios. Pelo tempo adeante os terrenos destinados a agricultura foram emprazados, e sobre elles construiram-se numerosas habitações, de fórma que no meado do seculo XVI já se sentia a necessidade da criação de nova freguesia como se vê pela carta transcripta a baixo. Do desdobramento de Santa Justa nasceram as duas freguesias do Soccorro e dos Anjos. A freguesia do Soccorro teve a sede primeiramente na ermida de São Sebastião da Mouraria ou da Saude e só depois, no seculo XVII, recebeu com a actual egreja o nome que permanece.

Desde o seculo XIV que conhecemos a existencia da ermida de Santa Barbara, mas o sítio onde estava collocado fica envolto em trevas. O sr. Visconde de Castilho (*Lisboa Antiga,* VII, 56 sqq.) não conseguiu explicar completamente este facto. Segundo investigações, ainda incompletas, parece-me poder affirmar que a primitiva ermida de Santa Barbara estava assente se não onde a actual egreja dos Anjos, pelo menos muito proximo a ella. Durante muito tempo a rua direita dos Anjos teve o nome da rua direita de Santa Barbara. Ainda mais: no seculo XVI e parte do XVII, quando se falla nas hortas do valle de S. Jordão, que chegava até a entrada da rua de Bemformoso (Escola de Boi Formoso), acrescenta-se—junto á egreja de Santa Barbara. Evidentemente ha aqui confusão tal que só novos elementos poderão aclarar.

O documento que se segue —simples minuta— não é datado.

«Dom Joham per graça de Deus, Rey de portugal etc, como governador e perpetuo administrador que sam da ordem e cauallaria do mestrado de noso senhor Jhuu Christo A quamtos esta minha carta virem faço saber que por virtude das bullas appostolicas das noue comendas da dicta ordem foy feita noua comenda da mesma ordem na ygreja de samcta Justa desta cidade de Lixboa da terça dos beẽs e Remdas da dicta ygreja que era do Priorado e Reitoria dela ficando o Rector com seu certa stipendio na forma das dictas bullas. E avemdo

eu ora Respecto como a dicta ygreja de sancta Justa he das Principaes ygrejas desta cidade E a gramdeza da freiguesia dela em que ha tres mil e seyscemtos foguos e ao tempo que asy em ela se fez a dicta nova comenda jaa era como he de muito grande freiguesia e vay cada vez em moor crescimento. E por sua tam gramde freiguesia tem gramde e euidente necesidade de se fazer na parrochia em Santo Amtam da Mouraria outra noua ygreja com ajuda da matriz e fazerem-se e acrecemtarem-se mais dous nouos beneficiados na dicta ygreja de samcta Justa que sejam oyto com os seys beneficiados que ao presente nela ha afora o Rector e para yso se suprimir a dicta noua comenda que em ela foy feita e dos beẽs e Remdas dela que sam da dicta ordem se ordenarem fundarem e dotarem os dictos dous nouos beneficios e apricar-se a toda a masa da ygreja no modo abaixo declarado E asy se tornar aa dicta ygreja domde sayo pola grande necesidade dela e polo auer por muito seruiço de Deus e bem da dicta ygreja o asemtey assy com o arcebispo de Lixbõa meu muito prezado primo e meu capelom moor com aprazimento tambem dos seys beneficiados e rector da dita ygreja de samcta Justa que a todo deram per seu compromisso sobre elo feito. Pelo que por esta presente suprimo e ey por suprimida em todo para sempre a dicta noua comenda da dicta ygreja de samcta Justa que mays a nam aja nela daqui em diamte. Etc.»[1].

Pedro A. de Azevedo.

Torre de D. Chama

Ruinas de S. Braz

Já n'*O Archeologo Português*, I, 232–237, o Sr. Castro Lopo, de Valpaços, nos dá muitas e curiosas informações archeologicas da Torre de D. Chama e do Cabeço que lhe fica proximo, sobranceiro e a nordeste, conhecido pelo nome de S. Bras, por nelle se erguer uma modesta capella em que se venera este santo. De encostas ingremes e cobertas de enormes rochedos de granito, em que nas rareiras vegeta a vinha e alguma arvore de fructo, apresenta na parte superior, em volta da ermida, as ruinas de um castro cujos restos de espessa muralha formada de pedra e cimento ainda se descobrem em partes.

Aos vestigios que se encontram á superficie já se refere com proficiencia a noticia mencionada, e a que temos agora mais de accrescentar

---

[1] Archivo Nacional, *Collecção de S. Vicente*, tomo VIII, fl. 159.